

FILOSOFIA DA GEOGRAFIA: PENSADORES, PERCEPÇÃO E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA¹ <https://doi.org/10.63330/aurumpub.015-014>**Carlos Eduardo da Silva Galante**

Mestrando em História pela UESB, Mestre em Direito Internacional pela Universidade Sancarlos/UFRN e em Direito Constitucional pelo IDP/DF. Pós-graduado em Geografia e História pela Faculdade Educaminas, em Direito Administrativo, Direito Penal e em Direito Civil pelo Instituto Processus, em Geografia pela Educaminas, em História pela Faculdade Iguaçu e em Supervisão Escolar pelo ICH/ICESB. Graduado em Secretariado Executivo pela Unesp, em Direito pela Faculdade Processus, em História pela Faculdade IESA e em Geografia pelo Centro Universitário ETEP. Complementação Pedagógica em Sociologia pelo Centro Universitário ETEP. Servidor público efetivo. Professor de cursos de pós-graduação, graduação e educação básica, Professor de cursos preparatórios para concursos públicos e Exame da OAB. Parecerista. Palestrante. Universidade Estadual do Sudoeste Baiano – UESB
E-mail: professoreduardogalante@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5612-6276>

RESUMO

Ao longo do percurso educacional de cada qualquer pessoa é praxe que em algum momento haja questionamentos sobre vários assuntos que são a todo instante propostos para discussão e reflexão. Dentre esses assuntos está a Filosofia e os motivos para os quais ela serve. Propor uma definição do que seja a Filosofia não é uma das tarefas mais fáceis, pois, os vários conceitos existentes são resultados dos pensamentos dos diferentes filósofos, cada um a seu tempo. O presente trabalho proporciona, ainda que em síntese, uma breve exposição e reflexão filosófica sobre o papel, a importância e o fundamento da Geografia no e para o mundo. Ainda, o presente texto tentará chamar atenção daqueles que estudam a Geografia Científica e que sustentam que tal é um conhecimento ativo e supremo quando se faz a análise do real no contexto cultural dos povos de diversas nações em variados lugares existentes no mundo. O estudo realizado se utiliza de dados teóricos bibliográficos. A área de abrangência do tema se situa no campo das ciências sociais, voltada para a educação, principalmente para a Filosofia da Educação e Geográfica.

Palavras-chave: Filosofia; Educação; Geografia; Sociedade; Ciências sociais.

¹ O presente artigo foi apresentado como cumprimento de requisito obrigatório para conclusão do curso de Pós-graduação em METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA, da Faculdade Educaminas.



1 INTRODUÇÃO

Ao examinarmos o cenário educacional contemporâneo, notamos que é frequente escutar que a educação enfrenta uma crise. Na verdade, tal crise não é novidade. No decurso de toda a história da Educação é possível constatar educadores que escreveram sobre tal crise. Tal não se deve apenas ao aspecto econômico-financeiro, mas também à excelência da educação oferecida.

Por exemplo, a disciplina da Geografia tem sido empregada desde tempos anteriores à antiguidade. A análise do território geográfico sempre foi e continua a ser fundamental para diversas culturas e países ao redor do planeta, seja na identificação de fronteiras ou na busca de crescimento territorial.

É nesse sentido que surge a temática "Filosofia na Educação". Acredita-se que a Filosofia leva ao trabalho de pensar, refletir, raciocinar e, assim, despertar o senso crítico e, conseqüentemente, auxiliar a construir uma nova visão de aprendizagem, pois pressupõe-se que a educação é a grande responsável pelas mudanças dela.

Historicamente, observa-se que a educação tem passado por mudanças, que, por sua vez, têm como objetivo torná-la mais apropriada à realidade. No entanto, a Filosofia sustenta que é através da interação e das atividades do ser humano com e em relação ao mundo real que ele se desenvolve e se organiza.

Assim sendo, constata-se que o senso comum a respeito da educação é o de uma formação fragmentária, incoerente, desarticulada, enfim, totalmente desprovida de certeza. Enquanto na consciência filosófica acontece o contrário, pois, é uma concepção com total coerência, unidade e articulação. E ainda oferece à educação uma análise sobre a sociedade em que se encontra.

Entretanto, compreende-se que a educação está aberta a questionamentos. Por essa razão, acredita-se que a Filosofia pode ser uma das diversas opções para refletir sobre a educação como um meio de transformação social. Assim, concorda-se com LUCKESI² quando afirma que, “a reflexão filosófica sobre a educação é que dá o tom a pedagogia, garantindo-lhe a compreensão dos valores que, hoje, direcionam a prática educacional e dos valores que deverão orientá-la para o futuro”. Assim, verifica-se que a Pedagogia pode ser entendida como uma visão filosófica sobre a Educação, a qual necessita ser aplicada na prática a fim de alcançar os melhores resultados.

Com base nessas reflexões, o objetivo principal deste estudo é investigar a relevância e a contribuição da Filosofia na área da Educação, com foco especial nas ciências sociais e geográficas. Em um nível mais específico, busca-se destacar as propriedades do raciocínio filosófico, os filósofos mais influentes que ajudaram a moldar os fundamentos educacionais e também discutir a relevância do ensino da Filosofia nas instituições de ensino.

Por conseguinte, é necessário extrair dados de fontes, onde encontramos os lugares e situações que

² LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.



precisamos para pesquisar. Então, para isso, o presente estudo se utiliza de fontes teórico-bibliográfica.

Sendo assim, a área de abrangência do tema se situa no campo das ciências sociais, voltada para a educação, mais especificamente para a Filosofia da Educação.

Em suma, compreende-se que não se educa somente para educar, mas também para realizar um fim: aperfeiçoar, despertar o homem para o mundo ou para sua liberdade, ajustar uma natureza, construir o progresso coletivo, inventar, entre muitas outras coisas. Daí, a filosofia de cada ser em si.

O filósofo nunca foi só um contemplador do mundo, como algumas pessoas pensam, mas foi sempre um produtor de ideias. E só as ideias podem mudar o mundo de forma significativa, uma vez que estamos sempre em evolução. Como dizia o poeta: "**O tempo não para...**" (Cazuza). Mas, os inimigos maiores dos filósofos são os círculos viciosos das ideias. Se ele não conseguir transcendê-los, superá-los com novos conceitos e ideias, será para todo o sempre um pensador medíocre que parou no tempo e no espaço e que não conseguiu ver além da realidade que ele vive ou viveu.

Assim, deve o filósofo abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum, não se deixando guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos, buscando compreender a significação do mundo, da cultura, da História, pois, conhecendo o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política, ele possa dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para termos consciência das ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos, num processo de transformação educacional, já que tudo isso nada mais é que educação.

2 CONTEXTO METODOLÓGICO: A BUSCA PELA QUALIDADE DA PESQUISA

O desenvolvimento desta pesquisa é qualitativo que tem como característica explorar os fenômenos em profundidade, conduzido em ambientes naturais, os significados são extraídos dos dados e não se fundamenta na estatística.

O processo é indutivo, recorrente, analisa múltiplas realidades subjetivas e não tem sequência linear. Ela traz como benefício a profundidade de significados, extensão, riqueza interpretativa e contextualiza o fenômeno³.

Um estudo exploratório é realizado quando o objetivo é examinar um tema ou um problema de pesquisa pouco estudado, sobre o qual temos muitas dúvidas ou que não foi abordado antes. Ela serve para nos tornar familiarizados com o tema desconhecido, obter informação sobre a possibilidade de realizar uma pesquisa mais completa relacionada com um contexto particular⁴.

A pesquisa bibliográfica é construída a partir de obras que já foram divulgadas. Normalmente, essa

³ SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernandes; LUCIA, Maria del pilar Baptista.

Metodologia de pesquisa. 5. ed. - Porto Alegre: Penso, 2013.

⁴ Ibid., p. 16.



forma de pesquisa abrange materiais físicos, como livros, periódicos, tabloides, teses, dissertações e registros de encontros científicos⁵. Além disso, conforme afirmam Marconi e Lakatos⁶, o objetivo da pesquisa bibliográfica é conectar o pesquisador com todo o conteúdo disponível, seja escrito, falado ou filmado, sobre um tema específico, incluindo palestras que tenham sido posteriormente debatidas e registradas de alguma forma. Dessa maneira, a investigação não se limita a repetir o que já foi comentado ou registrado sobre um determinado tópico, possibilitando a análise de um assunto sob um novo ponto de vista ou perspectiva, resultando em descobertas originais.

“O mais importante no processo de análise é a sensibilidade teórica, ou seja, a habilidade para reconhecer o que é importante nos dados e atribuir-lhes sentido. Essa sensibilidade deriva tanto da literatura técnica quanto da experiência profissional, mas também é adquirida ao longo das três etapas de decodificação, mediante a contínua interação com os dados”⁷.

O propósito da avaliação qualitativa é organizar as informações, entendendo o cenário, interpretar e analisar unidades, categorias e tópicos, conectar os resultados da investigação com a teoria embasada, entre outras coisas⁸.

3 A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: CONTEXTOS CONCEITUAIS

Alguns entendem que a Filosofia deveria se preocupar com a essência dos fatos e já outros primam por defender que a mesma deveria dirigir-se para os fenômenos. Outros ainda acreditam que a busca da verdade é a principal função da Filosofia. Já noutra vertente, alguns compreendem que é através da fé que essa ciência se efetiva, o que em tese pode misturá-la com os conceitos religiosos. Mas, temos que ver que todas estas definições visam o desenvolvimento do saber em busca do benefício e da felicidade do homem. Logo, se a Filosofia, como saber, tenta resolver os fins mais práticos da vida, ela nos mostra resposta para fins considerados fundamentais como a liberdade, a fraternidade, a felicidade pessoal e coletiva etc.

A Filosofia possui uma clara função social, pois, cabe aos filósofos estarem atentos às questões fundamentais de seu tempo, buscando encontrar um programa de ação que possa apresentar explicações e possíveis respostas. Desta forma, podemos dizer que a Filosofia é muito útil à sociedade, já que ela proporciona uma compreensão das questões sociais, com bases morais. Muito se demonstrou, ao longo da história, a contribuição que os filósofos prestaram à sociedade, incluindo o âmbito político, social, econômico e religioso. Portanto, a Filosofia é um dos melhores meios que possibilita engajarmos no mundo, através do uso da nossa razão, questionando os pontos óbvios e cruciais que acontecem no cotidiano para

⁵ GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010

⁶ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

⁷ Ibid., p. 24.

⁸ Op. Cit., p. 18.



uma melhor educação e transformação do cidadão.

Mais especificamente, a Filosofia da Educação explora questões essenciais relacionadas ao ensino, como seus propósitos, metodologias e princípios. Através do tempo, várias teorias e pensadores influenciaram as distintas correntes da filosofia educacional.

Destacam-se entre as principais Teorias Fundamentais da Filosofia Educacional o Idealismo, que argumenta que a educação deve fundamentar-se em ideias e princípios universais, visando o aprimoramento do indivíduo como um ser racional e autônomo; o Realismo, que sustenta que a educação deve centrar-se no conhecimento objetivo do que é real, enfatizando a observação e a vivência sensorial; o Pragmatismo, que destaca a educação como um experimento contínuo e um processo para solucionar problemas, onde o aprendizado se origina da vivência; o Marxismo, que examina a educação através das lentes das classes sociais e da estrutura econômica vigente. Segundo essa teoria, a escola pode atuar como um meio de perpetuação das desigualdades sociais, mas também pode se transformar em um espaço de resistência e conscientização; A Escola Nova, que surgiu como uma renovação pedagógica que valorizava a participação ativa do estudante no aprendizado, a experimentação e a relação da escola com a vida cotidiana; o Construtivismo, que propõe que o processo de aprendizado é uma atividade ativa na qual o aluno constrói seu próprio conhecimento.

A filosofia educacional, ao analisar a história e os vários marcos teóricos, disponibiliza instrumentos para que educadores e estudiosos possam entender e questionar as práticas pedagógicas. A variedade de perspectivas possibilita uma reflexão crítica sobre a função da escola, os propósitos da educação e as diferentes maneiras de adquirir conhecimento.

Enfim, acredita-se que a Filosofia leva ao trabalho de pensar, refletir, raciocinar e, assim, despertar o senso crítico e, conseqüentemente, auxiliar a construir uma nova visão de sociedade, onde se pressupõe que a educação é a principal responsável pelas transformações dela.

4 A FILOSOFIA DA GEOGRAFIA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A Filosofia da Geografia é um setor da Filosofia que aborda temas epistemológicos, metafísicos e axiológicos dentro da Geografia, além da metodologia geográfica de forma geral, e também de tópicos mais amplos, como a forma como percebemos e representamos o espaço e os lugares. Nesse sentido, a Geografia tem sido utilizada antes mesmo da antiguidade, o estudo do espaço geográfico foi e é de grande importância para diferentes povos e nações do mundo, seja no processo de reconhecimento territorial ou até mesmo no processo de expansão.

Embora questões metodológicas relativas ao conhecimento geográfico tenham sido debatidas por séculos, Richard Hartshorne (1899-1992) é frequentemente creditado com seu primeiro tratamento sistemático em inglês, *The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the*



Past, que apareceu em 1939, e que levou vários volumes de ensaios críticos nas décadas subsequentes. John Kirtland Wright (1891-1969), um destacado geógrafo dos Estados Unidos conhecido por seu trabalho em cartografia e na análise da evolução do pensamento geográfico, introduziu o termo geosofia em 1947, referindo-se a esse extenso tipo de investigação sobre o saber geográfico.

Outras publicações frequentemente mencionadas como textos fundamentais na área abrangem *Explanation in Geography* de David Harvey, lançado em 1969, e *The Production of Space* de Henri Lefebvre, publicado em 1974. Foi uma discussão de questões levantadas por este último que em parte inspirou a fundação de uma "Sociedade de Filosofia e Geografia" nos anos 90.

A "Sociedade de Filosofia e Geografia" foi estabelecida em 1997 por Andrew Light, um pensador da George Mason University, e Jonathan Smith, um especialista em geografia da Texas A & M University. Três volumes de um periódico revisado por pares, "Filosofia e Geografia", foram publicados pela Rowman & Littlefield Press, que mais tarde se tornou um periódico bianual publicado pelos editores da Carfax. Esta revista fundiu-se com outra revista iniciada pelos geógrafos, *Ethics, Place, and Environment*, em 2005, para se tornar *Ética, Lugar e Meio Ambiente: Uma revista de filosofia e geografia* publicada pela Routledge. A revista foi editada por Light e Smith até 2009, e publicou trabalhos de filósofos, geógrafos e outros em áreas afins, sobre questões de espaço, lugar e ambiente amplamente interpretados. Ele passou a ser reconhecido como instrumental na expansão do escopo do campo da ética ambiental para incluir o trabalho em ambientes urbanos.

Em 2009, Smith se aposentou do jornal e Benjamin Hale, da Universidade do Colorado, apareceu como o novo co-editor. Hale e Light relançaram a revista em janeiro de 2011 como *Ética, Política e Meio Ambiente*. Embora a revista, desde então, tenha se concentrado mais na relação entre ética e política ambiental, ela ainda recebe inscrições sobre trabalhos relevantes de geógrafos.

Uma série de livros, que foi lançada primeiramente pela Rowman & Littlefield e depois pela Cambridge Scholars Press, começou em 2002 com a liberação das atas das reuniões anuais da Sociedade de Filosofia e Geografia, coordenadas por Gary Backhaus e John Murungi da Universidade de Towson. Em 2005, a sociedade patrocinadora dessas reuniões anuais tornou-se a "Associação Internacional para o Estudo do Meio Ambiente, Espaço e Lugar" e, em 2009, a série de livros deu lugar a uma revista revisada por pares, "Environment, Space, Place"., publicada semestralmente e atualmente editada por C. Patrick Heidkamp, Troy Paddock e Christine Petto da Southern Connecticut State University.

5 A METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA COMO UM DESAFIO METODOLÓGICO CONTÍNUO

A metodologia da Geografia apresenta um desafio contínuo, pois a área precisa se ajustar às complicadas e rápidas mudanças do mundo. Mais do que um simples exercício de memorização, a



Geografia requer estratégias que capacitem os estudantes a avaliar criticamente a realidade.

No ensino da Geografia destaca-se a interação do ser humano e seu impacto no ambiente ao seu redor. Conforme Kimura⁹, a análise do cotidiano é vista como uma análise ampliada, que integra o político, o social e o econômico, os quais se complementam como elementos explicativos.

Com essa abordagem, a Geografia tem como objetivo principal entender as características humanas, tanto do ambiente natural, estudado pela Geografia Física, quanto do ambiente construído, através das ações e interações humanas, discutidas na Geografia Humana. Atualmente, a educação geográfica vem adotando metodologias mais críticas e imparciais, concentrando-se em uma análise que vai além do contexto em que os indivíduos vivem e se concentra nas relações que os levaram a essa realidade, um movimento que é conhecido como Geografia Crítica.

A metodologia do ensino de Geografia enfrenta o desafio de superar a abordagem tradicional, enciclopédica e descontextualizada, para se tornar uma disciplina dinâmica e crítica, capaz de fazer com que o aluno compreenda a complexa realidade que o cerca. A superação desse modelo exige a inovação constante das práticas pedagógicas, a aproximação com a realidade dos alunos e o uso de recursos didáticos mais eficazes.

Entre os seus principais desafios metodológicos pode-se apontar a sua abordagem fragmentada e descontextualizada, já que o ensino de geografia é frequentemente marcado por uma dinâmica clássica, que fragmenta o espaço em tópicos como clima, relevo e vegetação, dificultando que o aluno compreenda as interconexões da realidade. O conteúdo se torna distante e abstrato, sem conexão com a sua vivência.

Também se destaca o desinteresse e desmotivação dos alunos. A falta de relação entre o conteúdo e o cotidiano do estudante gera desinteresse, levando à percepção de que a geografia é uma matéria meramente decorativa ou inútil. A metodologia tradicional, baseada na memorização, contribui para essa falta de engajamento. Igualmente, a falta de criticidade com o uso de uma metodologia inadequada pode limitar a formação de uma consciência crítica nos alunos, que precisam aprender a analisar e intervir na sua própria realidade de forma construtiva. O desafio é ir além da descrição, promovendo a análise das relações sociais que moldam o espaço.

Tem-se nesse contexto as limitações dos recursos didáticos, o que gera a dependência excessiva de livros didáticos desatualizados, mal ilustrados ou que reproduzem a geografia clássica representa um obstáculo. A falta de outros recursos, como tecnologias e materiais adequados, também compromete a qualidade do ensino.

A insuficiência na formação docente contribui para esse cenário desafiador. A capacitação de professores para adotar novas metodologias e integrar tecnologias em sala de aula é uma dificuldade real.

⁹ KIMURA, Shoko. *Geografia no ensino básico: questões e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.



O professor precisa atuar como mediador, e não apenas como transmissor de conteúdo.

No contexto estrutural, a desigualdade educacional também se insere na seara dos desafios. As disparidades de acesso a recursos e infraestrutura nas escolas brasileiras afetam diretamente a capacidade de implementar metodologias de ensino mais inovadoras e eficazes, especialmente em áreas rurais e comunidades marginalizadas.

Para um contexto tão desafiador é preciso pensar em alternativas e possibilidades de superação. Para superar esses desafios, a metodologia de ensino de geografia deve focar em abordagens mais ativas e críticas.

A conexão com o cotidiano indica um caminho seguro para superar caminhos tão cheios de obstáculos. O professor deve partir da realidade e do espaço vivido pelo aluno, usando suas vivências como ponto de partida para a análise de questões locais, regionais e globais.

Também colabora com esse cenário desafiador a aplicação da Geografia crítica. Sua adoção permite analisar as relações humanas que geram as desigualdades sociais e a configuração do espaço, formando cidadãos mais conscientes e autônomos.

O uso de metodologias ativas como uma possibilidade de superação das dificuldades encontradas inclui o aluno como protagonista do aprendizado, utilizando práticas investigativas e soluções para problemas. Atividades de campo, jogos, estudos de caso e trabalho em grupo estimulam o engajamento e a participação.

O uso de tecnologias, com a incorporação de geotecnologias, como Sistemas de Informação Geográfica (SIG), e outros recursos digitais (aplicativos, mapas virtuais, vídeos) fomentam o aprendizado mais dinâmico e visual. Apesar da disponibilidade de ferramentas como Google Earth, SIGs (Sistemas de Informação Geográfica) simples, GPS e softwares de mapas, muitas vezes falta formação aos professores para usá-las além da superfície, como meras ilustrações.

A interdisciplinaridade relaciona a geografia com outras disciplinas, demonstrando a complexidade da realidade e a forma como o conhecimento é construído. Logo, a aprendizagem ganha em amplitude e dimensão. Nesse cenário, a utilização de novos recursos didáticos além dos livros, como filmes, músicas, charges e imagens de satélite, diversificam a abordagem e a percepção dos conteúdos.

O maior desafio da metodologia do ensino de geografia é, em essência, transformar a disciplina em uma ferramenta de decifração do mundo. Isso significa ir além da memorização e equipar os alunos com conceitos e habilidades para entender as relações espaciais, as dinâmicas de poder inscritas no território e os impactos das ações humanas.

A Geografia, quando bem ensinada, é profundamente empoderadora. Ela permite ao indivíduo compreender seu lugar no mundo – desde a escala local até a global – e agir de forma mais consciente e crítica sobre ele. Superar esses desafios metodológicos não é apenas uma questão pedagógica, mas uma



necessidade para a formação de cidadãos capazes de enfrentar os complexos problemas socioambientais do século XXI.

6 A RELEVÂNCIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM CONTEMPORÂNEA

O ensino de Geografia destaca as relações entre as pessoas e sua influência no entorno. Conforme Kimura¹⁰, o exame do dia a dia é uma investigação ampliada que abrange o político, o social e o econômico, aspectos que são interdependentes como fatores explicativos. Tal ensino desempenha um papel fundamental no contexto atual da educação, visto que permite que os alunos entendam um mundo em constante mudança e se posicionem de maneira crítica como participantes ativos. Essa matéria vai além de apenas decorar nomes e locais, pois investiga as intrincadas relações entre a sociedade, o espaço geográfico e o meio ambiente.

Diante de um mundo cada vez mais interligado, a educação geográfica é vital para formar cidadãos ativos e informados. Esta disciplina contribui para o desenvolvimento de uma consciência sobre as mudanças e processos que acontecem no espaço geográfico, ajudando o estudante a entender melhor a realidade contemporânea.

A relevância do ensino de Geografia é profunda e multifacetada, indo muito além da memorização de capitais e acidentes geográficos. Em um mundo marcado por globalização, crises ambientais e transformações sociais aceleradas, a Geografia escolar se torna uma disciplina fundamental para a formação de cidadãos críticos, conscientes e ativos.

O principal objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, isto é, o espaço transformado e organizado pela sociedade ao longo da história. O ensino de Geografia permite ao aluno entender as relações entre sociedade e natureza (como o homem modifica o ambiente e como sofre suas consequências), analisar criticamente as paisagens urbanas e rurais, identificando problemas como segregação socioespacial, falta de infraestrutura e destruição ambiental, perceber-se como agente que produz, consome e modifica o espaço, levando a uma atuação mais consciente e responsável.

A Geografia é uma ferramenta poderosa para a leitura crítica do mundo. Ela capacita o aluno a interpretar notícias e informações com profundidade, contextualizando eventos locais, nacionais e globais, a compreender conflitos fundiários, guerras por recursos, crises migratórias e disputas geopolíticas, indo além da superficialidade das manchetes, a questionar as desigualdades sociais e espaciais, entendendo como o poder e a riqueza se distribuem de forma desigual pelo território, dentro de uma cidade ou entre países.

A relevância da Geografia alcança ainda pontos sociais importantes na atualidade como a

¹⁰ KIMURA, Shoko. *Geografia no ensino básico: questões e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.



conscientização socioambiental e a sustentabilidade. Em um planeta sob ameaça de mudanças climáticas e esgotamento de recursos, a Geografia é essencial para promover a educação ambiental de forma concreta, mostrando a interdependência entre os elementos naturais (clima, relevo, vegetação, hidrografia), para discutir o conceito de sustentabilidade de maneira prática, analisando problemas reais como desmatamento, poluição, escassez de água e consumo excessivo, para estimular hábitos responsáveis e uma ética de cuidado com o planeta.

A Geografia trabalha com uma linguagem específica e fundamental para a orientação e análise como leitura e interpretação de mapas, gráficos, tabelas e imagens de satélite. Essas são habilidades cognitivas essenciais no século XXI, aplicadas em diversas áreas do conhecimento e do mercado de trabalho. Também o uso de tecnologias geoespaciais como GPS e Sistemas de Informação Geográfica (SIG) são cada vez mais presentes, e a Geografia introduz esses conceitos.

Também a relevância da Geografia pode ser notada nos primeiros passos de uma aprendizagem. Com a valorização da identidade e do pertencimento, o estudo começa pelo lugar de vivência do aluno (a rua, o bairro, a cidade) e depois se expande para o mundo. Esse processo fortalece o sentimento de identidade e o pertencimento à comunidade local e ao país. Também permite a valorização da diversidade cultural e paisagística do próprio território e do planeta, combatendo preconceitos e visões estereotipadas sobre outros lugares e povos.

Em um século com muitas transformações globais e avanço das tecnologias, a Geografia prepara o agente para esse mundo globalizado. A Geografia fornece as chaves para entender a complexidade dessa globalização, pois explica redes e fluxos que conectam o mundo como comércio internacional, fluxos de informação, e migrações. Também contextualiza questões econômicas, como a divisão internacional do trabalho e a formação de blocos econômicos (como o Mercosul e a União Europeia), além de mostrar como o local está ligado ao global (como uma decisão de consumo em um país pode afetar o meio ambiente e a economia de outro).

A relevância do ensino de Geografia está em transformar o aluno em um intérprete do espaço onde vive. É uma disciplina que combina conhecimentos naturais e humanos para responder a perguntas fundamentais: Onde? Como? Por quê? E, o mais importante: E daí?

Ela equipa os jovens com a capacidade crítica para entender notícias comuns como mudança climática, análise de preços de mercadorias, como os desafios da mobilidade urbana em uma cidade comprometem a qualidade de vida, como os projetos de desenvolvimento para seu país se mostram atuais, dentre outros. Em última análise, um bom ensino de Geografia é imprescindível para formar cidadãos que não apenas habitam o mundo, mas que o compreendem e se sentem capazes de transformá-lo para melhor.

A Geografia atual é repleta de instabilidade e mudanças. A disciplina auxilia na compreensão da geopolítica contemporânea, das disputas territoriais e dos conflitos que transformam o mapa das nações. A



disciplina colabora para a análise das interações entre a sociedade e o meio ambiente, promovendo a sustentabilidade e a sensibilização a respeito das variáveis ambientais.

O ensino de Geografia enfrenta questões desafiadoras atualmente, mas também encontra novas possibilidades para inovar. A meta é vencer a resistência a novas metodologias e abandonar a memorização em favor de um aprendizado mais ativo, crítico e vivencial. Novas tecnologias, como a cartografia digital e mapas interativos, podem ser utilizadas para tornar o aprendizado mais dinâmico e contextualizado, formando leitores e criadores críticos de mapas. A prática do estudo do meio, remanescente de pedagogos como Pestalozzi e Lourenço Filho, ainda é pertinente e pode ser enriquecida com tecnologias, conectando experiências locais a uma compreensão global.

Finalmente, o ensino da Geografia é significativo no contexto atual por sua habilidade de formar cidadãos críticos e conscientes das complexas interconexões entre o local e o global, capacitando-os a agir de forma transformadora na sociedade. A disciplina oferece aos alunos as ferramentas necessárias para interpretar a realidade, questionar desigualdades e buscar soluções para os problemas do mundo.

7 CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO: A AUTONOMIA DO PENSAMENTO

Desde o século VI a.C., com a chegada da Filosofia, emergiu uma nova forma de pensar. Contudo, não podemos dizer que o simples fato de introduzir um novo modo de pensar seja suficiente para caracterizar a Filosofia. Nela, existe liberdade de pensamento, o que torna impossível encontrar uma definição única. O que se observa, de fato, é uma incessante busca pelo aprendizado de como filosofar. Como afirmou o renomado filósofo alemão Emmanuel Kant, “Não existe Filosofia que possa ser ensinada; apenas se aprende a filosofar.”¹¹.

Nesse aspecto, é fundamental compreender a origem etimológica da palavra Filosofia, que deriva do grego *philosophien*, cuja raiz verbal expressa o amor à sabedoria, visto como a reflexão do ser humano sobre a vida e o universo. Assim, podemos perceber que a Filosofia não é a própria sofia, que implica ciência e sabedoria simultaneamente, mas sim, a aspiração, a busca por essa sofia. Com isso, PILETTI destaca¹²:

“A essência da Filosofia é a procura do saber e não sua posse. Se [...] é procura e não posse, podemos dizer que o trabalho filosófico é um trabalho de reflexão. A palavra reflexão vem do verbo latino *reflectere*, que significa voltar atrás. Filosofar, portanto, significa retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, examinar detidamente, prestar atenção e analisar com cuidado”.

¹¹ PILETTI, Claudino. *Filosofia da Educação*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991, p.12.

¹² Ibid., p. 13.



De fato, compreendemos que a Filosofia serve como uma ferramenta para que o ser humano se torne mais crítico, pois é a partir do momento em que ele começa a pensar, refletir e examinar os conceitos predominantes na sociedade que se percebe como um integrante capaz de viver e modificar seu funcionamento. É dessa maneira que conseguimos apresentar novas ideias e nos envolver com o ambiente que nos cerca. Portanto, não aceitamos apenas o que nos é apresentado como verdade absoluta a ser seguida. Assim, ao começarmos a filosofar, também iniciamos uma reflexão sobre a rotina dos seres humanos. Para corroborar o que foi mencionado, LUCKESI diz¹³:

“Filosofia é um corpo de conhecimento, constituído a partir de um esforço que o ser humano vem fazendo de compreender o seu mundo e dar-lhe um sentido, um significado compreensivo. Corpo de conhecimentos, em Filosofia, significa um conjunto coerente e organizado de entendimentos sobre a realidade. [...] Desse modo, a filosofia é corpo de entendimentos que compreende e direciona a existência humana em suas mais variadas dimensões”.

Em geral, a Filosofia está presente em nós o tempo todo, basta que seja despertada e posta em ação. Como diz Leônicio Basbaum¹⁴:

“A Filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ela é, ao contrário, a própria manifestação da vida humana em sua mais alta expressão. Por vezes, através de uma simples atividade prática, outras vezes no fundo de uma metafísica profunda e existencial, mas sempre dentro da atividade humana, física ou espiritual, há filosofia [...]. A filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem. Evidentemente, ele não se alimenta da filosofia, mas, sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia”.

Nesse contexto, as principais características do pensamento filosófico o diferenciam do cotidiano e de outras formas de saber. Estas se fundamentam na razão, na profundidade e na busca de uma compreensão mais abrangente da realidade, indo além das aparências e colocando em dúvida o que é considerado verdade.

A radicalidade na Filosofia foca na investigação das raízes, das origens e das bases dos problemas. Dessa forma, o raciocínio filosófico não aceita explicações prontas ou simplistas. Ele explora as questões para localizar as causas fundamentais, buscando a essência dos fenômenos e das dificuldades da existência. Nessa seara, a Filosofia coloca em xeque o senso comum e o conhecimento aceito, promovendo a rejeição instantânea do que é óbvio ou socialmente imposto.

Ressalta-se que a Filosofia incentiva a autonomia do pensamento, permitindo que o indivíduo crie suas próprias ideias de maneira consciente e independente. Ao contrário de uma aceitação passiva, essa autonomia filosófica envolve a habilidade de examinar e avaliar argumentos, separando os válidos das

¹³ LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

¹⁴ Ibid. p.23.



falácias. A postura filosófica desafia normas sociais e busca respostas inéditas, adotando uma posição ativa e crítica em relação à realidade.

O pensamento filosófico se organiza em um sistema integrado, ao invés de ser um conjunto de ideias soltas. A partir dessa constatação, a Filosofia procura desenvolver ideias e conceitos lógicos para elucidar questões complexas sobre o mundo e a vida humana. O rigor característico da Filosofia se revela no uso da razão e da lógica para alcançar a verdade, distinguir argumentos e confirmar a validade do conhecimento.

A reflexão filosófica implica um questionamento diário dos motivos por trás de nossos pensamentos, falas e ações. A Filosofia envolve o ato do pensar refletindo sobre si mesmo, de maneira crítica e conceitual, explorando o significado da existência. Assim, o pensamento filosófico busca respostas para questões essenciais relativas à verdade, valores morais e éticos, linguagem e existência.

As características centrais do pensamento filosófico se inter-relacionam para fomentar uma busca racional e crítica pela compreensão do mundo. A radicalidade, a autonomia, a sistematicidade e a reflexão são os fundamentos que sustentam a atividade filosófica e a diferenciam de outras formas de saber.

É fundamental destacar a mensagem que CORDI¹⁵ compartilha sobre a significativa lição dos filósofos da Grécia antiga: "nunca aceitar as estruturas vigentes como se fossem as únicas viáveis. Aqueles que desejam ser inovadores em seu tempo precisam analisar com cuidado e crítica: é necessário filosofar".

8 FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA: PRINCIPAIS FILÓSOFOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA OS FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS NO CONTEXTO DA FILOSOFIA DA GEOGRAFIA

A Filosofia sempre esteve ligada à Educação, como ordem de pensamento que visa tornar o homem um ser preocupado em esclarecer e participar da realidade em que vive. Em tal caso, consideramo-la como sendo uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas reais apresentados no âmbito educacional. Então, com relação ao papel filosófico na educação, cabe salientar que, consiste também nessa reflexão sobre os problemas que a realidade educacional apresenta. Então, assim como na realidade social, na educacional o papel da filosofia é também o de despertar o senso crítico das pessoas.

Demerval Saviani¹⁶ nos aponta que a construção do pensamento se inicia pelo empírico, passando pelo abstrato e assim, chegando ao concreto. Do mesmo modo, segundo ele, em termos de concepção de mundo, se dá a passagem do senso comum à consciência filosófica. A correspondente passagem do homem do mundo obscurecido em que vive, para o novo mundo visível e real que pode, certamente, proporcionar a si mesmo e consequentemente ao seu semelhante. Conforme, afirma o autor:

¹⁵ CORDI, Cassiano. Et al. *Para Filosofar*. São Paulo: Scipione, 2000.

¹⁶ SAVIANI, Demerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

“Conclui-se que a passagem do senso comum à consciência filosófica é condição necessária para situar a educação numa perspectiva revolucionária. Com efeito, é esta a única maneira de convertê-la em instrumento que possibilite aos membros das camadas populares a passagem da condição de “classe em si” para a condição de “classe para si”. Ora, sem a formação da consciência de classe não existe organização e sem organização não é possível à transformação revolucionária da sociedade”.

A educação é uma questão que vem sendo debatida desde os tempos antigos até a atualidade, por filósofos e educadores, partindo do ponto que ela é responsável pelo processo de formação das faculdades intelectuais, morais e físicas do ser humano. Logo, exponhamos que o papel educacional da filosofia, se concentra no desenvolvimento do senso crítico, aumentando a consciência reflexiva do homem, dirigida a si e ao mundo. De acordo com isso, MORANDI¹⁷ nos coloca um conceito para a educação, associado à consciência filosófica:

“A educação: este termo exprime o princípio gerador dos comportamentos individuais culturais e sociais, assim como saberes inscritos em cada um. A educação designa o processo que vincula um sujeito ao seu meio ambiente próximo, a um sistema de sociedade, de cultura e de valores (no qual tomam lugar as instituições educativas) e lhe permite integrar-se. Essa dimensão formadora-fundadora é o desafio de uma realização, de uma liberdade, do sentido da própria empresa educativa, objetos da reflexão filosófica”.

Nesse sentido, leva-se ao conhecimento, que não se pode falar em educação sem falar de ser humano. Então, se percebe que, em qualquer sociedade há uma concepção diferenciada de homem, pois, cada uma projeta nele uma “imagem ideal”, ou seja, o homem ideal para fazer parte dela.

A organização do ensino surgiu na Grécia, através da abordagem dialógica. Sendo assim, destaca-se o primeiro grande educador da história: Sócrates. Segundo ele, o conhecimento está dentro de cada homem, só necessita ser despertado. Então, para isso, ele usa do seu método dialogado, onde proporcionava diálogos críticos com seus interlocutores, fazendo com que, através das interrogações feitas por ele, pudessem dar a luz as suas próprias ideias. Afirmava ainda que o educador não deve dar a resposta à dúvida do educando, e sim, estimulá-lo para que procure dentro de si essa resposta.

SÓCRATES (470/469 a.C. a 399 a.C.) afirma que todos nós temos a capacidade de nos tornarmos filósofos. Contudo, para que isso aconteça, devemos ser conhecedores da nossa própria ignorância e, estarmos em constante busca pelo verdadeiro conhecimento, que se dá para além das aparências das coisas materiais, no mundo das ideias, imutável e perfeito.

PLATÃO (428/427 a.C. e 348/347 a.C.), discípulo de Sócrates, pode ser considerado o fundador da teoria da educação. Afirmava que só é possível chegar ao conhecimento verdadeiro através do método que propôs: a dialética. Esta era um meio de refutar as afirmações propostas pelas pessoas. Para ele, o verdadeiro conhecimento se encontra no mundo das ideias, o qual, só atingimos quando deixamos para trás o mundo

¹⁷ MORANDI, Franc. *Filosofia da Educação*. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 18.



sensível. Em suma, diz que, o que sabemos foi contemplado pela alma no mundo das ideias. No entanto, a educação proposta por Platão visava a formação moral do homem perante o Estado.

ARISTÓTELES (384 a.C. e 322 a.C.), outro grande filósofo grego, possuía uma visão bem diferente de Sócrates e Platão, discordando do idealismo platônico. Desenvolveu uma teoria voltada para o real. Segundo ele, a finalidade da educação no ser humano é a sua busca pela felicidade ou pelo bem, que está no mais alto grau do funcionamento da natureza humana, ou seja, na razão, que exerce a função de direcionar a conduta humana.

SANTO AGOSTINHO (354 a 430 d.C.) e SANTO TOMÁS DE AQUINO (1225 a 1274 d.C.) aperfeiçoam tais teorias: a platônica, o primeiro, e a aristotélica, o segundo. Todavia, levam em consideração o lado religioso. Com relação ao ensino, ambos admitem que Deus seja o verdadeiro mestre que ensina dentro de nossa alma, porém sublinha a necessidade da ajuda exterior.

JOÃO AMÓS COMÊNIO (1592 a 1670), considerado um dos maiores educadores e o pai da didática moderna, atuando no século XVII e na transição da Idade Média para a Modernidade, acreditava em Deus, mas inovou no pensamento filosófico-educacional dando mais importância à didática, dimensão que a educação medieval não levava em conta. Afirmou que o objetivo educacional deve ser alcançado pelo domínio de si mesmo, o qual é assegurado pelo conhecimento de si mesmo e de todas as coisas úteis.

Mais tarde, surge o Iluminismo, um movimento que procurava levar as luzes da razão por todos os lugares, não se prendendo a o dogmatismo e sim, a racionalidade. A educação iluminista, assim como a sua cientificidade, era livre de influências religiosas, permitia a liberdade de pensamento.

No auge desse movimento, JEAN-JACQUES ROUSSEAU (1712-1778) iniciou uma nova etapa na formação educacional. Foi o principal precursor da Escola Nova, promovendo uma “volta à natureza”, de forma que o aluno não precisava só ser instruído, mas também caberia a ser, naturalmente livre, sem repressões, restringindo-se as experiências.

Rousseau não se dedicou à Geografia, mas suas ideias inovadoras sobre educação e natureza influenciaram bastante a maneira como a Geografia foi entendida e ensinada. Sua obra mais importante no campo pedagógico, "Emílio ou Da Educação"¹⁸, promoveu uma metodologia orientada para a criança, priorizando a vivência e a observação do ambiente natural ao invés da retenção de dados abstratos.

O pesquisador defendia que a criança deveria adquirir conhecimento através da interação direta com a natureza e seu entorno, em vez de se basear somente em livros e aulas formais. Essa perspectiva foi fundamental para a valorização do "estudo do meio" e das aulas práticas em Geografia, estratégias que

¹⁸ "Emílio ou Da Educação" é um tratado filosófico de Jean-Jacques Rousseau sobre a natureza humana e a educação, onde ele descreve um sistema educativo que preserva a bondade natural do indivíduo através de uma educação negativa, afastada da corrupção da sociedade, e guiada pela natureza. A obra, dividida em cinco livros, acompanha o desenvolvimento do "homem natural" Emílio, um órfão fictício educado por um preceptor, até a formação de um cidadão virtuoso e socialmente adaptado, mas que ainda assim não se afasta de sua essência.



ganharam destaque com educadores que vieram depois, como Pestalozzi.

A abordagem geográfica, influenciada pelas ideias de Rousseau, deixa de ser apenas a memorização de nomes e localizações em mapas, passando a ser uma exploração ativa do mundo, onde o aluno compreende a paisagem por meio de suas próprias experiências.

Rousseau sustentava que o ser humano é inerentemente bom, mas que se torna corrompido pela sociedade. Em seus escritos, ele critica a artificialidade da vida comunitária e sugere um retorno a métodos educativos mais afinados com a natureza. Esta valorização da natureza deixou marcas no pensamento geográfico subsequente, especialmente nas correntes que analisam a interação entre o ser humano e o meio ambiente.

Ao advogar por um estilo de vida mais integrado à natureza, Rousseau trouxe à tona debates sobre os efeitos prejudiciais da ação humana no meio ambiente, uma questão que seria explorada com mais profundidade por ambientalistas e geógrafos nas gerações seguintes.

O Professor Rousseau ressaltava a importância de uma educação personalizada que permitisse ao estudante alcançar autonomia e autossuficiência. Na Geografia, isso se reflete na procura por métodos que respeitem o ritmo individual de cada aluno, incentivando-o a explorar o conhecimento geográfico de maneira alinhada com seus próprios interesses.

Para Rousseau, a educação deveria cultivar a curiosidade inata da criança e incentivá-la a se aventurar em descobertas, algo essencial para um ensino de Geografia que seja dinâmico e eficiente.

A influência de Rousseau na Geografia não se deu por meio da criação de conceitos geográficos, mas pela fundamentação filosófica e pedagógica que promoveu uma renovação no ensino dessa disciplina. Ao propagar a aprendizagem através da experiência, a valorização da natureza e o protagonismo do aluno, ele contribuiu para moldar as bases de uma Geografia mais crítica, prática e em sintonia com a vida cotidiana.

Nesse sentido, caberia ao professor conduzir o aluno ao caminho que ele deve seguir, o professor não ensina, organiza as ideias e as repassa, fazendo com que os alunos aprendam.

JOHANN HEINRICH PESTALOZZI (1746–1827) demonstra seu anseio de unir o ser humano natural com a história. Embora não seja classificado como um geógrafo, Pestalozzi exerceu um impacto relevante e indireto na disciplina da geografia, especialmente em sua abordagem didática e no reconhecimento da matéria no ensino. O valor de Pestalozzi para a Geografia está em sua metodologia educacional, que transformou a forma de ensinar ao incorporar conceitos geográficos por meio da percepção sensorial e da observação do ambiente ao redor. Ainda, argumentava que a educação deveria ter origem na observação direta do mundo ao redor. Pestalozzi acreditava que a educação deveria começar com a observação direta do mundo ao nosso redor. No século XIX, as concepções de Pestalozzi contribuíram para a aceitação e a validação do ensino da geografia nas escolas primárias.



Anteriormente, essa matéria era muitas vezes ignorada, concentrando-se apenas na memorização de nomes de localidades.

Com a metodologia de Pestalozzi, a geografia passou a ser uma disciplina mais ativa e significativa. Seu "método intuitivo" sugeria que as crianças aprendessem com base em suas percepções sensoriais, progredindo do concreto para o abstrato e do simples para o mais complicado; que em vez de iniciar com mapas e ideias distantes, a abordagem geográfica deveria começar com a familiaridade do ambiente imediato da criança - como sua casa, seu quintal e sua vizinhança; que era significativa a descoberta do espaço ao redor através de passeios, onde os estudantes podiam observar a geografia, a história natural e a geologia local, conectando o aprendizado à experiência prática; que as "lições com objetos" eram aulas que incorporavam itens físicos para facilitar a aprendizagem, tais como minerais e plantas.

Pestalozzi é relevante para o estudo da Geografia por ter sugerido e espalhado um método de ensino que enfatizava a observação e a vivência direta do entorno, integrando a matéria no currículo de maneira mais relevante e menos rígida.

KARL MARX (1818-1883) E FRIEDRICH ENGELS (1820-1895) colocam que a educação deve ser igual para todos, operários e burgueses.

As contribuições de Marx e Engels para a disciplina da geografia não foram voltadas especialmente para a Geografia, visto que não atuavam como geógrafos. Contudo, suas teorias, em especial o materialismo histórico e dialético, tiveram um impacto significativo na Geografia Crítica, que emergiu na década de 1970. A perspectiva marxista dessa linha de pensamento transformou a maneira como os geógrafos examinam as interações entre a sociedade, a economia e o espaço.

O materialismo histórico, um fundamento do marxismo, sugere que as interações sociais são moldadas pelas circunstâncias materiais e econômicas da sociedade. Quando aplicada à geografia, essa perspectiva coloca em xeque o positivismo, pois desafia a ideia de que a geografia é uma disciplina neutra, focada apenas na descrição dos fenômenos geográficos, ignorando que relações de produção e poder influenciam a organização do espaço.

Ainda, o materialismo histórico enfatiza a luta de classes, pois demonstra que as desigualdades sociais e os conflitos de classe, que são característicos do capitalismo, se revelam na paisagem. A geografia, então, torna-se uma ferramenta para investigar como a exploração capitalista e as relações de poder geram e mantêm desigualdades no espaço.

O método dialético adotado por Marx e Engels exige que os fenômenos sejam analisados como totalidades históricas, o que implica que o espaço geográfico não pode ser entendido de forma isolada das outras relações sociais, econômicas e históricas.

Inspirada pelos conceitos marxistas, a Geografia Crítica começou a explorar como o espaço geográfico é ativamente moldado pelo modo de produção capitalista. Geógrafos marxistas como David



Harvey se dedicaram a analisar como o capitalismo mobiliza o espaço para resolver suas contradições e crises cíclicas, através da expansão territorial e urbanização.

Na obra de Engels, a situação da classe trabalhadora na Inglaterra, ilustra como a miséria, as condições de saúde inadequadas e a desigualdade se manifestam nos ambientes urbanos. Essa obra influenciou a pesquisa em Geografia Urbana e a análise dos processos de segregação socioespacial.

Os marxistas também ajudaram a elucidar o desenvolvimento geográfico assimétrico, demonstrando como a lógica do capitalismo, por meio da acumulação e desvalorização do capital, gera disparidades entre regiões e países.

A contribuição central de Marx e Engels para a Geografia foi estabelecer uma base teórica e metodológica que permitiu que a disciplina se tornasse uma ciência crítica, voltada para a emancipação humana.

As teorias marxistas compeliram os geógrafos a ponderar para quem realizam suas pesquisas e quais são os pressupostos por trás delas, incentivando uma visão política e transformadora da realidade.

A geografia marxista, com sua compreensão das desigualdades espaciais, busca oferecer suporte para a ação política e a transformação social, visando superar o modelo capitalista prevalente.

ANTONIO GRAMSCI (1891–1937), também com uma visão marxista, compreende que o ser humano só constrói sua personalidade digna pela capacidade de produzir a própria existência por meio do trabalho. Sendo assim, afirma que a escola pode alienar o indivíduo a sociedade, dando vantagem ao capitalismo.

Embora Gramsci não tivesse formação em Geografia, suas ideias políticas e sociais, principalmente expostas nos Cadernos do Cárcere, impactaram significativamente a Geografia Crítica. Ao estudar como o poder se manifesta na sociedade, Gramsci ofereceu ferramentas conceituais importantes para que os geógrafos pudessem entender a dimensão espacial das interações sociais, políticas e culturais.

A contribuição central de Gramsci é o conceito de hegemonia, que diz respeito à habilidade de uma classe dominante em exercer seu poder não só pela força, mas especialmente pelo consentimento. Ao aplicar esse conceito à Geografia, é possível compreender de que maneira a hegemonia se apresenta e se concretiza no espaço geográfico, através das paisagens urbanas, a repartição de serviços e a organização do território. A edificação de determinados monumentos, a utilização de espaços públicos ou a definição de áreas privilegiadas, por exemplo, são expressões do poder hegemônico.

A hegemonia espacial não depende exclusivamente da força, mas sim da formação de um consenso sobre a forma de uso e organização do espaço. O estudo da Geografia ajuda a evidenciar como esse consenso é estabelecido e como as classes subalternas lutam contra ou se adaptam a essa configuração espacial.

Gramsci descreveu os "intelectuais orgânicos" como os que emergem de uma classe social e trabalham para estruturar a hegemonia (ou a contra-hegemonia) dessa classe. Sua perspectiva sobre a



educação também influencia a Geografia, pois os geógrafos e educadores podem ser considerados intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, contribuindo para dismantlar a visão hegemônica do espaço e promover uma consciência geográfica crítica entre os estudantes.

As ideias gramscianas motivam a Geografia Escolar a transcender a simples descrição do mundo. Ela impulsiona a investigação das contradições e desigualdades espaciais, orientando-se para a formação de indivíduos críticos e emancipados.

Segundo Gramsci, o poder é exercido não só pelo Estado, mas também pela "sociedade civil", que abrange instituições como igrejas, escolas, partidos e meios de comunicação.

O espaço é o ambiente onde a sociedade civil se estrutura e disputa pela hegemonia. A Geografia pode investigar como a disposição de escolas, a concentração de igrejas ou a localização de meios de comunicação impactam a criação e a manutenção da hegemonia.

A noção de Estado ampliado de Gramsci evidencia que o território é constantemente contestado. Estudar como diferentes forças sociais competem pelo controle e uso do espaço, desde níveis locais até globais, é um aspecto central na Geografia que se inspira em Gramsci.

Sendo natural da Sardenha, Gramsci abordou a questão do sul da Itália, sublinhando as significativas desigualdades entre o norte industrial e o sul agrário.

A perspectiva de Gramsci sobre a problemática regional serve como base para os geógrafos que se dedicam ao estudo das desigualdades no desenvolvimento geográfico. Ele evidencia que o progresso capitalista não se distribui de maneira uniforme, gerando zonas distintas de riqueza e pobreza, o que se reflete nas configurações geográficas dos países.

A influência de Gramsci na Geografia não se deu pela formulação de uma teoria espacial específica, mas sim pelo desenvolvimento de conceitos teóricos e políticos que viabilizam a análise da dimensão espacial do poder. Suas ideias sobre hegemonia, a sociedade civil e os intelectuais orgânicos ofereceram as bases para que a Geografia se tornasse uma área de estudo crítica, politicamente ativa e dedicada à libertação humana.

JOHN DEWEY (1859–1952), filósofo e educador americano, priorizava a experiência como o principal fator de interesse em aprender. Afirmou que a educação escolar deve ser realizada ao máximo junto com a própria vida, pois, esta é uma constante experiência e, conseqüentemente uma aprendizagem, e, o papel da escola é de proporcionar rapidez nesse processo. Então, nesse caso, o professor somente deveria orientar o aluno naquilo que tem interesse, incentivando-o a experimentar.

As contribuições Dewey para a Geografia não ocorreram de forma incisiva nas teorias geográficas, mas fizeram uma diferença significativa na abordagem didática e nas metodologias de ensino da matéria. Sua abordagem pedagógica, que priorizava a experiência, a resolução de problemas e os princípios democráticos, reformulou como a Geografia é ensinada nas instituições de ensino.



A principal proposta de Dewey era o conceito de "aprender fazendo". Para ele, o saber não deveria ser algo recebido passivamente, mas sim criado através da interação com o meio.

Dewey desafiou o método tradicional de ensino que enfatizava a memorização de conteúdos abstratos, desconectados da vivência dos alunos. Ele argumentava que o foco da Geografia deveria ser o ambiente próximo ao aluno. Com base na experiência e na exploração local, a criança poderia desenvolver uma compreensão de conceitos geográficos mais abstratos e distantes.

O paradigma de Dewey sugere uma postura de aprendizagem mais envolvente, estimulando o aluno a observar, analisar e participar de atividades que o liguem diretamente à realidade geográfica.

A filosofia de Dewey enfatizava a resolução de problemas como um aspecto fundamental do aprendizado e do aprimoramento do pensamento crítico. Como exemplo, a geografia pode ser ensinada utilizando metodologias dinâmicas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas e a Geo-Inquiry, que promovem o raciocínio geográfico e a compreensão científica. Nesse contexto, os alunos são motivados a fazer perguntas sobre seu entorno, coletar informações, interpretar dados e buscar resoluções para os desafios que encontram.

Na visão de Dewey, a escola funcionava como um pequeno reflexo da sociedade, um espaço onde os alunos podiam exercitar a democracia e a cidadania. Ele acreditava que a Geografia deveria propiciar uma "visão de mundo que se fundamentasse em uma perspectiva humanística em relação a outras culturas e povos", o que favorece a compreensão global e a colaboração entre nações diversas.

As ideias de Dewey também impactaram o conceito de planejamento colaborativo na Geografia, incentivando os alunos a se engajarem ativamente na organização de suas atividades de aprendizagem, trazendo maior relevância e significado ao processo.

A contribuição de John Dewey para a Geografia está em sua abordagem pedagógica, que transformou a didática e a prática da disciplina. Ao promover a aprendizagem baseada na experiência, a resolução de problemas e o envolvimento democrático, ele estabeleceu um paradigma para uma educação geográfica mais crítica, contextualizada e dedicada à formação de cidadãos informados e participativos.

MARIA MONTESSORI (1870-1952) expõe que não se deve ajudar diretamente uma criança a sair de uma dificuldade, nem tampouco censurar o trabalho feito; a atividade, segundo ela, deve ser intensa e interessante.

Montessori foi uma médica e educadora italiana que alterou significativamente a educação no século XX. Embora suas contribuições para a Geografia não tenham sido diretas por meio de teorias específicas, sua metodologia trouxe uma nova visão para o ensino e a aprendizagem, influenciando consideravelmente a educação geográfica.

Montessori tinha a convicção de que o aprendizado se dá pelos sentidos e pela manipulação. Isso levou à criação de recursos didáticos específicos que podem ser utilizados para ensinar Geografia desde a



infância.

A "Educação Cósmica" proposta por Montessori sugere que, a partir dos 6 anos, as crianças devem ser introduzidas a uma perspectiva holística e interconectada do universo. Essa abordagem é crucial para a Geografia, pois a criança percebe que pertence a um sistema complexo e interdependente, onde o local se relaciona com o global, reconhecendo que o ser humano é uma parte essencial desse sistema.

A Educação Cósmica aumenta a consciência sobre a interdependência de todos os seres e elementos do planeta, incentivando o respeito pela natureza e a apreciação da diversidade cultural e biológica. A criança compreende que a humanidade é impulsionada por um propósito e que tem a responsabilidade de cuidar do planeta e de suas criaturas.

O método Montessori propõe um "ambiente preparado", no qual o estudante tem liberdade para explorar e aprender de maneira autônoma. No ensino da Geografia, o ambiente preparado facilita que a criança escolha os materiais e atividades que deseja realizar, respeitando seu próprio ritmo e interesses. Essa autonomia resulta em autoeducação, já que a criança se torna a protagonista de seu aprendizado, explorando e descobrindo conceitos geográficos de forma independente.

As contribuições de Maria Montessori para a Geografia são evidentes através de uma abordagem inovadora, que se baseia em materiais sensoriais, na Educação Cósmica e em um ambiente propício. Seu método transforma o ensino da Geografia de uma simples memorização de informações em uma experiência prática, significativa e interligada à realidade, desde os primeiros anos de vida.

Quanto ao professor soviético Anton Semionovich Makarenko, PILETTI¹⁹ nos relata:

[...] Makarenko propõe a substituição da escola burguesa baseada nos métodos lúdicos – o jogo – pela escola baseada no trabalho produtivo. A escola deve ser uma comunidade (um “coletivo”) a serviço da produção de bens econômicos. De acordo com Makarenko os educadores só têm sentido como membros da comunidade, e sua liberdade está condicionada aos interesses do grupo, o qual, por sua vez, faz parte de uma comunidade maior.

MAKARENKO (1888–1939) para a Geografia não são diretas, pois ele não se dedicou à teoria ou ao ensino específico dessa disciplina. No entanto, sua pedagogia da coletividade, do trabalho produtivo e da formação integral do indivíduo, fundamentada no materialismo histórico e dialético, tem implicações indiretas para o ensino geográfico.

A pedagogia de Makarenko valorizava a ação e a experiência prática como forma de educação. A vida na coletividade, como na Colônia Gorki e na Comuna Dzerjinski, era um espaço de aprendizado constante. Essa abordagem pode ser aplicada à geografia ao valorizar a prática, pois a Geografia não é apenas uma matéria teórica, mas uma disciplina que se vive no dia a dia.

¹⁹ PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. *Filosofia e História da Educação*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1988.



A coletividade era a pedra angular da pedagogia de Makarenko. Na Comuna Dzerjinski, a organização dos alunos em grupos, o planejamento das atividades e o uso dos espaços coletivos eram discutidos de forma solidária. Isso oferece um ponto de partida para a geografia: o espaço como construção social, onde a organização dos espaços coletivos em uma comunidade pode ser estudada como um reflexo das relações sociais e das necessidades do grupo; e a análise da paisagem, pois tal não é apenas um fenômeno físico, mas um espaço construído pela ação humana, refletindo a organização social, econômica e cultural.

Makarenko defendia a educação pelo trabalho, onde o estudante participava de atividades produtivas que se conectavam com a realidade social. Essa ideia pode ser utilizada para entender a Geografia da produção. Pode-se ter como exemplo, a análise das atividades produtivas em uma comunidade, seja na agricultura ou na indústria, pois tal permite compreender a geografia econômica e o desenvolvimento local. Nesse sentido, o trabalho produtivo pode ser abordado de forma a despertar a consciência social e ambiental, refletindo sobre o impacto das atividades humanas no espaço geográfico.

Apesar das contribuições, é importante notar que a pedagogia de Makarenko também é alvo de críticas por seu foco na disciplina rígida e no coletivo, que pode inibir a individualidade e a criatividade. Ao aplicar suas ideias à Geografia, é preciso um olhar crítico, buscando um equilíbrio entre a experiência coletiva e o desenvolvimento individual.

Em síntese, a contribuição de Anton Makarenko para a Geografia não foi por meio de uma teoria ou didática específica para a disciplina. Seu legado está em sua abordagem pedagógica que valoriza a coletividade, o trabalho e a experiência, oferecendo ferramentas para que o ensino geográfico se torne mais prático, contextualizado e crítico, refletindo sobre a organização do espaço e as relações sociais.

Para o professor francês CÉLESTIN FREINET (1896–1966), a atividade natural da criança se desenvolve no grupo em cooperativa, e, não se deve interromper esse ciclo natural, mas também não se pode entregá-la por completo à atividade espontânea do jogo. Seu método procura, acima de tudo, oportunizar a criança de exteriorizar seus pensamentos e seus sentimentos por meios de expressão com a máxima liberdade possível.

O Professor Freinet, assim como outros intelectuais da Escola Nova, não pertencia à área da Geografia, porém suas inovações pedagógicas foram cruciais para revitalizar o ensino dessa disciplina. Seu enfoque, focado no estudante e fundamentado na colaboração e na livre manifestação, propõe uma abordagem prática para a Geografia.

Muitas inovações de Freinet ainda podem ser percebidas na educação geográfica atualmente. Uma das metodologias mais notórias de Freinet, as aulas de campo, são fundamentais para o aprendizado da Geografia. Outra inovação do Professor foi a ligação da disciplina com o mundo real. Ao invés de adquirir conhecimento apenas através de livros, os estudantes são incentivados a observar, explorar e interpretar o



ambiente ao seu redor. Isso transforma a Geografia em uma área de estudo ativa e relevante. Freinet também inovou ao afirmar que o saber se forma através da vivência concreta, possibilitando aos alunos entender as interações entre os aspectos naturais e sociais de seu entorno.

A insistência de Freinet no "trabalho-atividade" como fundamento do aprendizado transforma o aluno de um receptor passivo em um criador de conhecimento. O professor propõe que a Geografia é ensinada de maneira colaborativa, com os alunos unindo forças em projetos de pesquisa, confecção de mapas, maquetes e relatórios. Isso fomenta a autodeterminação, a criatividade e a habilidade de trabalho em equipe.

As abordagens de Freinet se distanciam da memorização e do ensino tradicional. A Geografia, através dessa metodologia, se transforma em uma disciplina que promove a pesquisa, a documentação e a inovação.

Por fim, tem-se que as inovações de Célestin Freinet para o ensino de Geografia estão intimamente ligadas à sua abordagem pedagógica. Ao valorizar a experiência, a cooperação, a expressão livre e o estudo do ambiente, ele proporcionou ferramentas para que o ensino geográfico se tornasse mais ativo, contextualizado e conectado com a realidade e os interesses dos alunos.

ALEXANDER SUTHERLAND NEILL (1883-1973), propõe uma escola onde a autoridade é substituída pela responsabilidade e a disciplina, pela liberdade, e afirma que, só num ambiente não repressivo a criança manifestaria sua criatividade.

Neill foi um educador da Escócia, famoso por estabelecer a “Escola Summerhill” e por apoiar uma educação libertária que priorizava a liberdade e a autogestão das crianças. Semelhante a outros educadores que marcaram o século XX, suas contribuições na área de Geografia não foram diretas, mas se manifestaram em métodos e filosofias que desafiaram o ensino tradicional.

A abordagem pedagógica de Neill foi uma resposta ao ensino convencional, que ele via como opressivo e artificial. Neill acreditava que o conhecimento imposto não era autêntico, sustentando que a aprendizagem deveria ser opcional e prazerosa. Essa perspectiva influencia a Geografia ao rejeitar a memorização. Neill criticou o ensino tradicional, subestimando a importância de decorar nomes, rios, capitais e formações geográficas.

A metodologia de Neill enfatiza a experiência em vez da teoria imposta, afetando o estudo do ambiente e a vinculação a realidades locais, embora ele não tenha sido o criador desses conceitos. De acordo com a perspectiva de Neill, a Geografia deixa de ser uma disciplina obrigatória e entediante, transformando-se em um campo do conhecimento que os alunos podem optar por explorar, caso tenham interesse.

A filosofia de Neill, que enfatiza liberdade, democracia e respeito pelas crianças, pode ser aplicada à educação geográfica de forma precisa. Dois exemplos da Escola Summerhill merecem destaque para ilustrar essa afirmação. Na Summerhill, as crianças têm voz na criação das regras e na operação da escola.



No contexto do ensino de Geografia, isso se reflete na participação dos alunos na escolha dos tópicos a serem estudados, promovendo sua autonomia. Também na Summerhill há Liberdade de aprendizado: não há obrigatoriedade de participação nas aulas. Embora essa abordagem possa ser controversa no ensino formal, o conceito pode inspirar uma metodologia mais flexível, na qual o professor atua como mediador oferecendo várias opções de aprendizado, adaptando o conteúdo aos interesses dos alunos.

Ao dar valor à experiência, a pedagogia de Neill reforça a relevância de atividades práticas e exploração do meio ambiente, metodologias já defendidas por outros educadores.

As ideias de Neill foram, e ainda são, alvo de várias críticas. A principal crítica se concentra na falta de obrigatoriedade no ensino e na possibilidade de que tais abordagens resultem em uma formação incompleta, uma vez que o aluno pode não adquirir todas as competências e conhecimentos necessários. Porém, o legado de Neill para a Geografia se destaca por seu incentivo ao questionamento. Ele provoca discussões sobre o que realmente constitui o conhecimento geográfico e sua real importância para os alunos. Ele incentiva a reflexão sobre didáticas, motivando os professores a buscar novas maneiras de tornar a disciplina atrativa e significativa na vida dos alunos.

Em síntese, a influência de Alexander Sutherland Neill na Geografia não se dá de maneira direta, mas possui grande importância no aspecto educacional. Seu impacto reside na contestação do modelo convencional e na promoção de uma perspectiva mais livre e focada nas necessidades do estudante, o que motiva novas técnicas e práticas no ensino da Geografia.

CLAUDINO PILETTI (1942 – 2021) teve como uma das suas principais contribuições educacionais o fato de afirmar que a Geografia reside, não na investigação teórica da ciência geográfica, mas no âmbito da didática e das metodologias de ensino. No papel de educador, sua dedicação se concentrou em como os professores poderiam melhorar suas abordagens para que o conteúdo, especialmente o relacionado à Geografia, se tornasse mais acessível e pertinente aos alunos.

Piletti acreditava que um dos objetivos centrais do ensino, inclusive na Geografia, seria aproximar o estudante de suas vivências. Seu método educacional promovia o uso de ferramentas que favoreciam uma ligação mais próxima entre o que é aprendido na sala de aula e o dia a dia dos alunos. Ele ressaltava a relevância de o educador estar sempre atualizado para incorporar novos recursos didáticos.

Piletti defendia ainda que, ao inovar em sua abordagem, o professor atua como facilitador do aprendizado, auxiliando os alunos a desenvolverem uma visão crítica. O método didático deve transcender a mera memorização e a repetição de conteúdos, buscando um envolvimento mais profundo e significativo com o assunto.

FERNANDO DE AZEVEDO (1894 - 1974) emprega a questão de que o indivíduo deve se adaptar ao grupo social que pertence e que, cabe ao ensino elementar fornecer a base para tornar possível a coesão social. Destaca-se que a importância de Azevedo para a Geografia não se deu por meio de uma atuação



como geógrafo, mas sim através de seu papel como um educador e sociólogo influente que impactou a didática e os conteúdos escolares no Brasil. Sua participação no movimento da Escola Nova e na criação de instituições como a Universidade de São Paulo (USP) teve um efeito significativo na educação de várias áreas, incluindo a Geografia.

Azevedo foi um dos apoiadores do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova²⁰, lançado em 1932. O movimento da Escola Nova propunha uma transformação educacional profunda, priorizando um ensino público e laico, que estivesse alinhado à realidade dos alunos. Essa filosofia teve repercussões diretas na metodologia de ensino da Geografia.

Ao invés da memorização convencional de nomes de rios, cidades e formas de relevo, a abordagem pedagógica de Azevedo promovia a exploração do ambiente. Os alunos eram estimulados a observar e investigar o que os circunda, ampliando seu entendimento do local para uma perspectiva global. Essa metodologia prática visava relacionar o aprendizado à vivência dos estudantes.

Ainda, Azevedo influenciado por Émile Durkheim, trouxe uma visão sociológica que também afetou a Geografia. Ele entendia a educação como um meio de promover a integração e adaptação do indivíduo à sociedade. Essa visão foi aplicada na Geografia, reforçando a noção de que a disciplina deveria facilitar a compreensão da organização social do espaço geográfico.

Em seu livro “A cultura brasileira” (1943), Azevedo explorou o Brasil, incluindo sua geografia, sob uma ótica social. Embora não se tratasse de uma pesquisa exclusiva de Geografia, seu trabalho contribuiu para um entendimento mais profundo da conexão entre sociedade e território.

Além de suas teorias, a participação de Azevedo em instituições de ensino e na criação de materiais didáticos foi crucial para fortalecer a presença da Geografia no currículo escolar.

ANÍSIO SPINOLA TEIXEIRA (1900 – 1971) defendeu a escola única, aberta a todos, sem qualquer espécie de distinção e, deve servir de instrumento para a reconstrução social. Nessa proposta, Teixeira promovia uma educação que fosse fundamentada na vivência, onde o estudante assumiria o papel central em seu aprendizado. Essa visão teve um papel fundamental para a Geografia, pois destacou a relevância do “estudo do ambiente”, que envolve a observação e a interpretação do espaço em que o aluno está inserido. As suas concepções sobre uma educação pública, secular, acessível a todos e dinâmica influenciaram a maneira como a matéria foi idealizada e lecionada no Brasil, estimulando uma postura mais crítica e alinhada com a vivência dos alunos.

Ao invés de se concentrar exclusivamente na memorização de mapas e informações, a Geografia, sob a influência de Teixeira, começou a priorizar atividades de campo e experiências práticas. Também

²⁰ O “*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*” foi um documento histórico, assinado em 1932 por um grupo de 26 intelectuais e educadores brasileiros, liderado por nomes como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Ele representou um marco na história da educação no Brasil ao defender uma profunda reformulação do sistema educacional.



com Teixeira, o processo de aprendizado em Geografia se tornou mais relevante ao se mover do local para o global, estabelecendo uma conexão entre a realidade imediata do estudante e conceitos mais amplos.

Como um dos idealizadores da educação integral no Brasil, Anísio Teixeira sugeriu um modelo escolar que abarcava uma formação holística, englobando não apenas o aprendizado, mas também o trabalho e o lazer. No que diz respeito à Geografia, essa perspectiva trouxe contribuições para a expansão dos horizontes, pois a disciplina passou a ser entendida não apenas de forma teórica, mas como parte de um aprendizado mais abrangente, que desenvolve o indivíduo de maneira completa e para a consciência social, pois nesse cenário, a Geografia ajudou a formar cidadãos mais cientes de sua realidade social, econômica e cultural.

MANUEL BERGSTRÖM LOURENÇO FILHO (1897-1970) foi um educador brasileiro e um dos protagonistas do movimento da Escola Nova no Brasil. Apesar de não ter formação em Geografia, suas ideias pedagógicas impactaram diretamente a maneira de ensinar e a didática da Geografia no país, principalmente ao promover uma abordagem mais dinâmica, intuitiva e relacionada com a realidade dos alunos.

Lourenço Filho, alinhado com as práticas da Escola Nova, promovia o "estudo do meio" como uma ferramenta educacional fundamental. Essa metodologia quebrava com a Geografia tradicional, que focava, na maioria das vezes, na memorização de nomes, rios e capitais nos mapas. Ele argumentava que a aprendizagem deveria ter como ponto de partida o entorno do aluno, ampliando-se gradualmente para o que está mais afastado.

A abordagem educacional de Lourenço Filho focava fortemente na formação completa do ser humano e na criação de uma sociedade mais equitativa. Para ele, a instituição escolar desempenhava um papel crucial na solução dos desafios sociais e econômicos enfrentados pelo Brasil. A Geografia, dentro desse panorama, não deveria ser vista apenas como uma área do conhecimento, mas como uma ferramenta para promover o entendimento da sociedade e a atuação na comunidade.

A influência de Lourenço Filho na área da Geografia não se deu por meio de suas teorias sobre a matéria, mas através de sua atuação como educador, que impactou significativamente sua abordagem didática, promovendo a importância da análise do ambiente e o desenvolvimento de indivíduos mais críticos e proativos em relação ao seu contexto.

Portanto, a relevância do pensamento de educadores e filósofos para a Geografia se encontra em sua habilidade de influenciar a pedagogia e o ensino da matéria, afetando a maneira como os conceitos geográficos são transmitidos, compreendidos e utilizados na educação dos alunos. Apesar de muitos não serem geógrafos, suas reflexões sobre ensino, conhecimento, sociedade e ética revolucionaram a educação de forma abrangente, impactando diretamente a disciplina geográfica.

A filosofia levanta a questão de que a Geografia é uma ciência imparcial, focada apenas na descrição



de fenômenos. Ela induz o geógrafo a refletir sobre as consequências sociais e políticas da criação e organização do espaço.

A Geografia, influenciada por esses pensadores, deixa de ser apenas um conjunto de dados e se transforma em uma ferramenta para a interpretação das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que moldam a Geografia.

A interação entre geografia e filosofia também favorece a interdisciplinaridade, permitindo que a matéria se relacione com outras áreas do saber, como sociologia, história e ética. A interdisciplinaridade incentiva o reconhecimento de que o conhecimento é interligado e que a realidade não pode ser dividida em disciplinas isoladas.

Concluindo, a contribuição de educadores e filósofos para a Geografia é fundamental, pois eles oferecem a base teórica e metodológica que transforma a educação geográfica. Eles elevam a disciplina de uma simples memorização de informações a uma exploração crítica, experiencial e comprometida em formar indivíduos conscientes, autônomos e capazes de atuar na transformação de seu entorno.

9 ENSINO DA FILOSOFIA: A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA FILOSOFIA NO AMBIENTE ESCOLAR E A INTERDISCIPLINARIDADE COM A GEOGRAFIA

O ensino em uma comunidade não se revela como um objetivo isolado, mas sim como uma ferramenta para preservar ou mudar a estrutura social. Portanto, requer recursos que direcionem suas trajetórias. Assim sendo, cada sociedade tem princípios que guiam sua prática educativa, de modo que não é a educação que define seus objetivos, mas sim a análise filosófica presente em uma dada sociedade²¹.

Adicionalmente, LUCKESI²² destaca a questão:

“As conexões entre Filosofia e Educação parecem ser bastante "orgânicas". A educação se concentra na evolução dos jovens e das novas gerações de uma comunidade, enquanto a Filosofia analisa o que e como esses jovens e essa comunidade devem se tornar ou evoluir”.

O ensino de Filosofia nas escolas é essencial para moldar pessoas que sejam críticas, reflexivas e independentes. Ao promover a investigação e a discussão, essa matéria prepara os alunos para reconhecer a complexidade do mundo, formarem suas próprias visões e agirem de maneira mais consciente na comunidade.

A Filosofia capacita os estudantes a realizarem questionamentos que os retirem de sua zona de conforto, estimulando a reflexão sobre diversos aspectos da vida e do ambiente ao redor. Isso evita a aceitação passiva de ideias e encoraja a procura por razões fundamentadas. Ao examinar teorias e visões

²¹ LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

²² Ibid., p. 23.



diferentes, os alunos adquirem habilidades para analisar, argumentar e formar suas opiniões de maneira lógica e coerente. Essa competência é fundamental para a convivência em sociedade e para a prática da cidadania.

Também, a Filosofia incentiva a ponderação sobre dilemas éticos e morais, auxiliando os estudantes a discernirem entre o que é certo e o que é errado, além de ajudarem a construir sua própria visão ética. Dessa forma, ao estudar temas como política, justiça e liberdade, os alunos têm uma melhor compreensão do papel que ocupam na sociedade e como suas ações afetam o todo. Isso solidifica o sentimento de cidadania e os prepara para ativa participação na comunidade.

Nesse sentido merece destaque a lição de FAVARETTO²³ ao relatar que:

“situar a Filosofia como disciplina escolar no horizonte dos problemas contemporâneos— científicos, tecnológicos, ético-político, artísticos ou os decorrentes das transformações das linguagens e das modalidades e sistemas de comunicação— implica uma tomada de posição para que a sua contribuição seja significativa quanto aos conteúdos e processos cognitivos”.

Mas é possível se ter uma interdisciplinaridade entre Filosofia e Geografia? Numa visão mais ampla esse diálogo interdisciplinar se mostra realizável, pois a interação entre a Filosofia e a Geografia configura-se como um contexto essencial para se desenvolver indivíduos que sejam mais críticos e conscientes de sua conexão com o espaço geográfico – objeto principal de estudo da Geografia. Ambas as áreas surgiram de uma investigação filosófica para entender o mundo, e, portanto, mantêm um diálogo constante que proporciona uma visão mais extensa e complexa da realidade.

O espaço é dinâmico, pois suas formas, objetos e relações resultam das interações que ocorrem durante a evolução histórica de cada cultura. A partir da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, é possível compreender que a essência da Geografia é o Espaço Geográfico. Esse conceito é um dos fundamentos metodológicos da Geografia, onde se destaca como um tema central, sendo redefinido e aprofundado por Milton Santos²⁴, que enfatiza que:

“Não existe produção que não envolva a produção do espaço, e não há produção do espaço que ocorra sem trabalho. Para o ser humano, viver significa criar espaço. Como o ser humano não sobrevive sem sua atividade laboral, o ciclo da vida é um ato de formação do espaço geográfico. O modo de vida do ser humano consiste no processo de formação do espaço”.

É possível identificar a conexão entre a Filosofia e a Geografia em diversos eventos.

A Filosofia investiga a natureza do espaço, sua percepção e representação, além de como a vivência de um lugar influencia a subjetividade das pessoas. A Geografia, por seu lado, explora as diversas

²³ FAVARETTO, C. *Filosofia, ensino e cultura*. In: _____. KOHAN, W. (Org). *Filosofia; caminhos para o seu ensino*. Rio de Janeiro: DP& A, 2004

²⁴ SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 4ª ed. 1996, p. 163



facetas do espaço — incluindo as naturais, sociais, culturais e econômicas — e a maneira como é construído, experienciado e modificado pelas pessoas. A colaboração entre as duas disciplinas possibilita que os estudantes não apenas considerem a posição de um lugar, mas também as complexidades envolvidas em sua formação, abrangendo aspectos históricos, culturais e sociais.

Em mais um contexto, a Filosofia política apresenta ferramentas para questionar e examinar as estruturas de poder que se expressam no espaço, como a distribuição desigual de recursos, a exclusão de grupos e a violência simbólica. A Geografia crítica por sua vez aborda como o espaço é utilizado e disputado por diversos grupos sociais, revelando desigualdades e conflitos relacionados ao espaço. A interação entre essas áreas permite revelar as dinâmicas de poder que se concretizam no território, capacitando os alunos a desenvolverem um pensamento crítico sobre o mundo em que estão inseridos.

E mais, a Filosofia se ocupa de considerar a existência, o significado da vida e a relação entre o ser humano e o mundo. Por sua vez, a Geografia analisa como os homens constroem o mundo, estudando as interações entre elementos naturais e humanos que moldam a realidade. A combinação dessas disciplinas enriquece o entendimento dos alunos, evidenciando que a paisagem vai além de um fenômeno físico; trata-se também de uma construção social e cultural que reflete valores, crenças e ações humanas.

Ainda, a Filosofia ressalta a importância das experiências na formação do conhecimento. A Geografia valoriza a investigação do meio, permitindo que os alunos observem, descrevam e comparem diferentes locais, ligando o conhecimento adquirido à prática vivencial. A interdisciplinaridade intensifica o estudo do meio, criando uma oportunidade para refletir sobre as complexidades do espaço, as relações sociais e os desafios atuais.

A partir das constatações apresentadas é possível inferir que a interdisciplinaridade entre a Filosofia e a Geografia resulta em vantagens para o ensino. A interconexão entre as disciplinas estimula uma compreensão integrada do conhecimento, superando a fragmentação da realidade. Os alunos são motivados a questionar as narrativas predominantes sobre o espaço, a fazer análises críticas das desigualdades e procurar soluções para os problemas globais.

Por fim, tem-se que a interdisciplinaridade entre a Geografia e a Filosofia promove a colaboração entre os educadores, criando uma oportunidade para novas discussões e interpretações sobre temas como meio ambiente, cultura, globalização e justiça social. Trata-se de uma estratégia essencial no aprendizado de Geografia, pois possibilita que os alunos entendam o espaço geográfico de forma mais ampla, conectando-o não apenas aos fatores naturais, mas também às dimensões sociais, econômicas e culturais, estimulando-os de tal forma que os mesmos consigam enfrentar os desafios do mundo atual.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se então, a partir do estudo realizado que desde a sua criação, o papel fundamental e base da filosofia é o de tornar o ser humano um ser inconformado com o que lhe é posto, um ser crítico que, a partir da liberdade que possui, (pois todo homem é livre, basta que desperte isso dentro de si), construa e seu próprio pensamento e suas próprias conclusões sobre o meio e a realidade a qual vive.

Assim, verificamos que as ideias filosóficas apresentam uma vasta diversidade e profundidade. Isso se deve ao fato de que a Filosofia não consiste em um universo isolado, finalizado e ideal, mas sim em um espaço acessível, em constante evolução²⁵.

Dessa forma, a partir das informações pesquisadas até o momento, torna-se evidente a relevância que a Filosofia tem para a educação, que, sendo a principal responsável por promover mudanças na sociedade, precisa formar cidadãos críticos e construtivos. Isso é enfatizado pela Filosofia, pois alguém que não se dedica à reflexão filosófica também pode ser visto como alguém que não se envolve socialmente. Isso se deve ao fato de que uma pessoa que não pratica a Filosofia, por consequência, não participa da sociedade.

Estudar a Geografia através da perspectiva das bases filosóficas é fundamental, pois a Filosofia oferece o suporte teórico necessário para se compreender a ciência geográfica, criticar suas abordagens e avaliar as interações entre a sociedade e o espaço. A conexão entre Geografia e Filosofia é profunda, e essa relação interdisciplinar enriquece a maneira como compreendemos a interação humana com o nosso entorno.

As bases filosóficas são cruciais para que a Geografia alcance um nível rigoroso e uma consistência científica. O geógrafo David Harvey, por exemplo, argumentou que para lidar adequadamente com questões geográficas, é necessário tomar uma decisão filosófica prévia em relação ao tema de investigação. A Filosofia é útil para responder a questionamentos como: Qual é o foco de análise da geografia? De que forma se gera o conhecimento geográfico? Quais os conceitos que sustentam as diversas correntes teóricas na geografia? entre outros questionamentos.

O conhecimento filosófico é valioso para se entender como a Geografia evoluiu, desde as civilizações antigas, onde a interpretação do mundo estava entrelaçada à Filosofia, até as abordagens modernas.

A fusão da Filosofia com a Geografia permite uma análise que vai além da simples descrição do mundo, promovendo uma reflexão crítica sobre as relações sociais e espaciais. O pensamento crítico na Geografia capacita os alunos a desafiar as narrativas predominantes sobre o mundo e a perceber como as dinâmicas de poder se manifestam no espaço. A filosofia proporciona uma análise do espaço geográfico

²⁵ COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: para uma Geração Consciente*, 2008.



como um produto dos processos históricos, sociais e econômicos, em vez de vê-lo como um dado fixo. Além disso, o conhecimento filosófico apoia a reflexão sobre questões como desenvolvimento sustentável, justiça social, desigualdades e a interação entre sociedade e natureza.

Em suma, a Filosofia, por sua própria essência, possui um caráter interdisciplinar que favorece a Geografia em sua interação com outras áreas do saber. A análise das bases filosóficas fortalece a capacidade da Geografia de se relacionar com áreas como política, economia e sociologia, promovendo uma compreensão mais ampla, integrada e complexa dos fenômenos geográficos.



REFERÊNCIAS

- BAÍA, S. F.; MACHADO, L. R. S. *Makarenko, pedagogo do extremo e da alegria de educar*. © Rev. HISTEDBR On-line. Campinas, SP. v.19, p. 1-22. 2019
- BARLOW, THOMAS A. *Pestalozzi and American Education*. Boulder: Este Es Press, University of Colorado Libraries. 1997.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996.
- _____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CARREIRA, D. *Fontes de Educação*: Guia para Jornalistas. Fórum Mídia & Educação, 2001. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/fernando-azevedo>.> Acesso em 16 jun. 2023
- CLAVAL, Paul. *História da Geografia*. Paris: PUF, 1996.
- CORDI, Cassiano. Et al. *Para Filosofar*. São Paulo: Scipione, 2000.
- CORREIA, M. A. *Doutrinação: a influência do pensamento gramsciano na geografia crítica escolar brasileira*. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38216#:~:text=Mostra%20a%20preval%C3%Aancia%20da%20Geografia%20Cr%C3%ADtica%20na,Cr%C3%ADtica%20escolar%20brasileira%2C%20por%20meio%20de%20An%C3%A1lise>. Acesso em 23 mar.2023.
- COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: para uma Geração Consciente*, 2008.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.
- Environment, Space, Place* - www.zetabooks.com». archive.org. 9 de julho de 2009. Consultado em 12 d e fevereiro de 2022. Arquivado do original em 9 de julho de 2009
- FARIA, D. R. *Metodologia do ensino de geografia*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.
- FARIAS. P. S. C. *A Geografia Escolar Crítica e a formação para a cidadania*. Revista GeoSertões (Unageo-CFP-UFCG). Vol. 5, nº 10, jun./dez. 2020. p, 12-39. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoess/index>. Acesso em 19 mar.2023.
- FERREIRA, A. B. H. Aurélio Júnior. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2011.
- FAVARETTO, C. *Filosofia, ensino e cultura*. In: _____. KOHAN, W. (Org). *Filosofia; caminhos para o seu ensino*. Rio de Janeiro: DP& A, 2004
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUTEK, GERALD L. 1999. *Pestalozzi and Education*. Prospect Heights, IL: Waveland.
- IASESP Conference History*. archive.org. 2 de outubro de 2007. Consultado em 8 de fevereiro de 2022. Arquiva do original em 2 de outubro de 2007.



KANT, Immanuel. ***Crítica da Razão Pura***. (Tradução Lucimar A. Coghi Anselmi e Fúlvio Lubisco) São Paulo: Martin Claret, 2009. 540-550p. (Coleção a obra prima de cada autor; 3. Série Ouro)

KAERCHER, N.A. ***A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica***. Tese. Universidade de São Paulo. Programa de pós- graduação em Geografia Humana. São Paulo, 2004.

KATUTA, Ângela Massumi. ***Pensamento geográfico é geografia em pensamento***. Geografia e mídia impressa. Londrina: Moriá, 2009. 264p.

KIMURA, Shoko. ***Geografia no ensino básico: questões e propostas***. São Paulo: Contexto, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. ***Fundamentos de metodologia científica***. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LAZARETTI, L. M. ***Lourenço Filho e a educação da criança pré-escolar: interlocuções entre pedagogia e psicologia***. Pesquisa em Foco ISSN (2176-0136). http://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_E_M_FOCO. São Luís, v. 22, n. 1, Jan./Jun. 2017

LUCKESI, Cipriano Carlos. ***Filosofia da Educação***. São Paulo: Cortez, 1990.

MARTINS, Élvio Rodrigues. ***Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico***. Tese de doutorado. Departamento de Geografia, FFLCH - USP. São Paulo, 1996. 319-329p.

MARTINS, Josinei; PIOVEZANA, Leonel. ***Didática e Metodologia do Ensino de Geografia***. Indaial: Ed. Grupo UNIASSELVI, 2011.

MORAES, Antônio Carlos Robert. ***Ratzel***. São Paulo: Ática, 1990.

_____. ***Geografia: pequena história crítica***. 21ª ed. São Paulo: Annablume, 2007. 152p. (Coleção Geografia e Adjacências)

MORANDI, Franc. ***Filosofia da Educação***. São Paulo: EDUSC, 2002.

MOREIRA, R., ***O Que é Geografia***. 2ª reimp. Da 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 2012.

NOVA ESCOLA. ***Alexander S. Neill: O promotor da felicidade na sala de aula***. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7230/alexander-s-Neill#:~:text=O%20promotor%20da%20felicidade%20na%20sala%20de%20aula&text=Com%20partilhe%20esse%20conte%C3%BAdo%2Cdesenvolver%20se%20no%20pr%C3%B3prio%20ritmo.> Acesso em 20 maio. 2023.

_____. ***Célestin Freinet, o mestre do trabalho e do bom senso***. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1754/celestin-freinet-o-mestre-do-trabalho-e-do-bom-senso#:~:text=Muitos%20dos%20conceitos%20e%20atividades,e%20torn%C3%A1%20dos%20mais%20f%C3%A9rteis.> Acesso em 27 maio. 2023.

PASSOS, R. D. F. ***Maria Montessori (1870-1952): uma vida dedicada à inovação da educação***. Revista Educação em Foco – Edição nº 15 – Ano: 2023. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2023/01/uma-vida-dedicada-a-inovacao-da-educacao.pdf>. Acesso em 12 mar.2023.



PAUL ELLIOTT, STEPHEN DANIELS, *Pestalozzi, Fellenberg and British nineteenth-century geographical education*, *Journal of Historical Geography*, Volume 32, Issue 4, 2006.

PENTEADO, Heloisa Dupas. *Metodologia do Ensino de História e Geografia*. São Paulo: Ed. CORTEZ, 1994.

PILETTI, Claudino. *Filosofia da Educação*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. *Filosofia e História da Educação*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1988.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

Revista Ética, Política e Meio Ambiente. Revista de filosofia e geografia publicada pela Routledge. Consultado em 07 de setembro de 2025. Arquivo do original em 2 de novembro de 2009.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. (1ª ed. 1978). 6ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008. 288p. (Coleção Milton Santos; 2)

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernandes; LUCIA, Maria del pilar Baptista. *Metodologia de pesquisa*. 5. ed. - Porto Alegre: Penso, 2013.

SAVIANI, Demerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVA, Armando Corrêa da. *Geografia e Lugar Social*. São Paulo: Contexto, 1991. 144p. (Coleção Caminhos da Geografia)

_____. *A Aparência, o Ser e a Forma (Geografia e Método)*. In: GEOgraphia, Ano II– Nº 3. pp. 7-25, 2000

SOUZA. A. C. *Rousseau: A arte da Filosofia, Literatura e Educação*. Disponível em: <https://unica.mp.br/~jmarques/cursos/2001rousseau/acs.htm>. Acesso em 17 mar.2023.

SPERANDIO, T. M; MORAES, J. V. *As contribuições de John Dewey e Willian Kilpatrick para o desenvolvimento da alfabetização científica e do raciocínio geográfico na Geografia escolar*. Revista Brasileira de Educação em Geografia - Dossiê 16º Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia. V. 15 n. 25 (2025). Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1530#:~:text=This%20article%20analyzes%20and%20discusses,scientific%20literacy%20and%20geographic%20reasoning>. Acesso em 23 ago. 2025.

SPOSITO. Eliseu Savério. *Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

_____. *A questão do método e a crítica do pensamento geográfico*. In: CASTRO, Iná Elias de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Claudio A.G. Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, pp.347-359.



TOUREM, R.V.; BRUM, V.; CRUZ, T. M. R. *A FILOSOFIA NO CURRÍCULO ESCOLAR*. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-filosofia-no-curriculo-escolar/#:~:text=FILOSOFIA%20NO%20CURRICULO%20ESCOLAR&text=Ainda%2C%20ela%20estimula%20o%20questionamento,a%20formar%20suas%20pr%C3%B3prias%20opini%C3%B5es.>> Acesso em 25 ago. 2024.

UNESCO. *Declaração sobre meio ambiente humano*. Princípio 19, 1972. Disponível em: http://apambiente.pt/_zdata/Políticas/DesenvolvimentoSustentavel/1972_Declaracao_Estocolmo.pdf. Acesso em: 03/09/2025.

VERA E SILVA, Adriana. *Anísio Teixeira: ele rimou ensino com democracia*. Nova Escola. São Paulo, v.13, n.114, ago. 1998. p.38-40.